

**Universidade Católica de Goiás
Departamento de Psicologia
Mestrado em Psicologia**

**ORIENTAÇÃO DE PAIS E SEU EFEITO SOBRE
OS COMPORTAMENTOS SOCIAIS DOS FILHOS**

Lana Augusta Menezes Ferreira

Orientadora: Profª Ângela Maria Menezes Duarte, Ph.D

Goiânia

2003

**Universidade Católica de Goiás
Departamento de Psicologia
Mestrado em Psicologia**

**ORIENTAÇÃO DE PAIS E SEU EFEITO SOBRE
OS COMPORTAMENTOS SOCIAIS DOS FILHOS**

Lana Augusta Menezes Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Menezes Duarte, Ph.D

Dissertação apresentada
à Universidade Católica
de Goiás para a obtenção
do título de Mestre em
Psicologia do Curso de
Pós-Graduação *Stricto
Sensu*.

**Goiânia
2003**

Folha de aprovação

*O sucesso resulta de cem
pequenas coisas feitas de forma
um pouco melhor. (Henry
Kissinger)*

Dedico a Deus e a meus Pais,
Eunice e Napoleão (*in
memoriam*), que sempre me
apoiaram em todos os momentos
difíceis dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Eunice, pelo incentivo, pela força nos momentos de aflição, para que eu prosseguisse com muita força e esperança nesta jornada.

Aos meus irmãos, pelo incentivo, carinho e preocupação durante todo o meu trabalho.

Às colegas de mestrado, Alessandra e Kellen, que me ajudaram e me socorreram nos momentos de angústia.

Ao meu marido, Sérgio, que me apoiou nos momentos de aflição e sempre acreditou em minha capacidade.

A todas as mães participantes deste trabalho, sem as quais não seria possível sua realização, por terem propiciado momentos de crescimento à minha vida pessoal e profissional.

Agradeço à minha amiga Suzana Oellers, pelo carinho e pela grande ajuda na correção deste trabalho.

A todas as pessoas amigas que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse ao final desta caminhada, por vezes com erros e acertos, mas com a certeza de crescer em sabedoria e ciência.

Agradeço, em especial, à Profa. Dra. Ângela M. M. Duarte, pela confiança, dedicação e respeito ao meu trabalho, além dos grandes ensinamentos.

Em particular, agradeço a Deus pela ajuda moral e espiritual que me deu forças nos momentos mais difíceis.

RESUMO

O presente estudo partiu do pressuposto de que a orientação de Pais tem efeito sobre os comportamentos sociais inadequados de seus filhos. Várias pesquisas confirmam o uso eficaz da Análise Aplicada do Comportamento na modificação do comportamento de pais para mudar o comportamento dos filhos. Durante a infância, as práticas parentais pobres em termos de disciplina e de monitoramento das crianças propiciam as condições iniciais ao surgimento de problemas de conduta. O objetivo do presente estudo foi usar a Orientação de Pais para mudar essas práticas parentais, ensinando-os como reduzir comportamentos sociais inadequados. Utilizou-se um Delineamento de Linha de Base Múltipla entre Sujeitos para demonstrar a eficácia dos procedimentos utilizados. Foram realizados encontros com as mães de cada criança semanalmente por períodos de 1 hora, nos quais foi enfatizada a necessidade do uso de reforçadores positivos contingentes a comportamentos adequados e uso de estratégias não coercivas com relação à disciplina dos filhos. Materiais didáticos com textos e gravuras foram utilizados durante as reuniões de orientação com os pais. Pôde-se observar que o uso eficaz das práticas parentais resultou em alterações na frequência dos comportamentos inadequados observados no lar, demonstrando a influência da orientação dada às mães sobre a frequência dos comportamentos das crianças. Também foram realizadas observações de comportamentos sociais inadequados das crianças em sala de aula na escola que freqüentavam. Essas observações foram feitas por 4 dias antes e 4 dias após a intervenção, tendo sido constatado que a frequência dos comportamentos sociais inadequados das crianças permaneceu mais ou menos a mesma, mostrando que não houve generalização dos efeitos observados no ambiente do lar. É sugerido que futuros estudos programem essa generalização.

ABSTRACT

PARENTS ORIENTATION AND ITS EFFECT UPON THEIR CHILDREN'S SOCIAL BEHAVIORS

The present study came out of the premise that Parent Orientation has an effect on inadequate social behaviors of their children. Several researches have confirmed the efficient use of the Applied Analysis of the Behavior in the modification of parents' behavior to change the behavior of their children. In the period of childhood, parental practices that are poor in terms of discipline and monitoring of children propitiate the initial conditions to the development of problem behaviors. The goal of the present study was to use Parent Orientation to change parental practice, teaching them how to reduce inadequate social behaviors. A Multiple Baseline Design between Subjects was used to demonstrate the efficacy of the procedures used. The meetings with the parents of each child happened for 1 hour once a week and emphasized the need of the use of positive reinforcers contingent on appropriate behaviors and the use of non-coercive strategies in relation to their children's discipline. Teaching materials with texts and pictures were used during the orientation meetings with parents. It could be observed that the adequate parental practice led to alterations in the frequency of inadequate behaviors observed in the home environment, demonstrating the influence of the orientation given to the mothers in the frequency of the children's behavior. Observations of the children's inappropriate social behavior were conducted also in the classroom of the school they attended. These observations were carried out during 4 days before and 4 days after the intervention and it was found that their frequency remained about the same, showing that there was no generalization of the effects observed in the home environment. Future studies should program for generalization.

SUMÁRIO

	página
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE FIGURAS.....	x
Introdução	11
Etiologia de Comportamentos Sociais Inadequados	12
O Contexto Educacional	13
Influência do Ambiente Familiar	20
Educação dos Filhos	25
Análise Funcional	29
Treinamento de Pais	31
Método	43
Participantes	43
Ambiente	43
Materiais.....	44
Procedimento	44
Resultados	52
Participante 1	52
Participante 2	53
Participante 3	55
Generalização.....	56
Discussão	59
Referências	63
Apêndices	68
Apêndice A. Questionário de Anamnese aplicado às mães	69
Apêndice B. Questionário aplicado às crianças	74
Apêndice C. Folha de registro de dados	76
Apêndice D. Material didático utilizado no treinamento das mães	81
Apêndice E. Tabela de frequência dos comportamentos sociais inadequados observados em casa.....	84

LISTA DE FIGURAS

	página
Figura 1. Frequência de comportamentos sociais inadequados observados em casa.	54
Figura 2. Frequência de comportamentos sociais inadequados observados em sala de aula.	58

É inegável que muitas crianças, durante o seu processo de crescimento e por diversas razões, esbarram em dificuldades de várias ordens, quer de relacionamento quer de comunicação com os outros, resultando em comportamentos considerados desajustados, perturbadores ou anti-sociais.

Para Lourenço (1996), as causas desses problemas são variadas, incluindo tentativas de chamar a atenção do adulto, inadaptação à escola ou dificuldades de relacionamento. O contexto comunitário e cultural em que a criança vive também tem enorme influência no aparecimento destes comportamentos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, crianças com comportamentos inadequados existem em todas as classes sociais, mas destacam-se pelo seu maior número nas camadas mais desfavorecidas da sociedade. As carências econômicas e culturais, o alcoolismo e as drogas podem favorecer o aparecimento e o agravamento desses comportamentos. O pai ou a mãe contribuem decisivamente para a prevenção de comportamentos anti-sociais de seu filho.

Segundo Quay e Peterson (1987, citados por Woolfolk, 2000), os problemas comportamentais e emocionais são denominados transtornos de conduta, e incluem agressividade, desobediência, não-cooperação, comportamentos disruptivos, comportamentos persistentes e dificuldade de concentração. Para os autores, as crianças com ansiedade e retraimento são

extremamente tímidas, deprimidas e hipersensíveis, choram facilmente e têm pouca autoconfiança. Eles afirmam ainda que as crianças com déficit de atenção são aquelas que apresentam intervalo de atenção curto, devaneios constantes, pouca iniciativa, desleixo e má coordenação. Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade é o termo usado para descrever indivíduos de qualquer idade com hiperatividade e dificuldades de atenção.

Etiologia de Comportamentos Sociais Inadequados

De acordo com Regra (2000), ao trabalhar com comportamentos agressivos e quaisquer outros comportamentos inadequados, considera-se de fundamental importância prestar atenção a todos os possíveis fatores determinantes, uma vez que o mesmo comportamento pode ser determinado por uma superposição de fatores, os quais podem variar para cada caso.

O'Leary (1984, citado por Regra, 2000) ressalta a importância de se levar em conta a interação do organismo com o ambiente na classificação das possíveis causas da agressão: **a.** fisiológicas e biológicas, como hereditariedade, anormalidade cromossômica, hormônios, disfunções cerebrais, sensibilidade fisiológica, entre outras; **b.** sociais, como reforço da agressão, modelo de agressão, frustração, punição e disciplina irregulares, discórdia conjugal e atenção positiva e negativa. As causas de

cunho social e ambiental são as de maior interesse para a psicologia.

O Contexto Educacional

De acordo com Gonzaga e Gonzaga (2000), a grande maioria dos pais deixa a desejar no que diz respeito à sua participação nas atividades escolares de seus filhos, especialmente durante os primeiros anos de estudo.

Há pais que não sabem sequer a série que o filho faz, não conhecem os colegas mais íntimos com os quais seu filho convive, não conversam sobre a vida escolar, não freqüentam reuniões de Pais e Mestres, ignorando as necessidades emocionais e educacionais dos filhos.

Pode-se perceber o grande desinteresse dos alunos em estudar, havendo reprovações em grande número, sem falar da enorme evasão escolar, pois a escola não consegue fazer um bom trabalho sozinha; é preciso que cada um cumpra o seu papel (Gonzaga e Gonzaga, 2000).

De acordo com Lane e Codo (1993, citados por Zanella, 2002), a escola é responsável em propiciar as condições adequadas que facilitem o aprendizado. Há dois pressupostos: primeiro, que a escola tem como finalidade a transmissão do saber e, portanto, requer-se a sala de aula, o professor, o material de ensino, enfim, o conjunto das condições que garantam o acesso aos conteúdos; segundo, que a

aprendizagem deve ser ativa e, para tanto, supõe-se um meio estimulante.

A família exerce uma influência muito grande no desempenho e no aproveitamento escolar das crianças. A parceria família-escola é importantíssima, pois desde muito cedo a criança passa a permanecer várias horas de seu dia na escola. Então, novos modelos para imitação e identificação lhe são oferecidos.

De acordo com Bencini (2003), não se deve partir do princípio de que a família precisa ser ajudada pela escola, mas sim que a escola precisa da participação da família. Para a autora, a escola é um meio que pode ser o contato primordial para discutir com os pais todas as informações relevantes sobre os problemas relacionados a questões pedagógicas, os objetivos propostos pela escola e os recursos que ela obtém. Sendo assim, os pais podem se sentir mais comprometidos com a melhoria da qualidade escolar.

Segundo Marturano (2000), a influência do ambiente familiar no aprendizado escolar é amplamente reconhecida, pois ele pode facilitar essa aprendizagem. Algumas dessas influências são a organização do ambiente físico e a disponibilidade de materiais educacionais. Dentre os recursos cujo efeito é positivo pode-se citar a disponibilidade de materiais educacionais variados e adequados ao nível de desenvolvimento da criança, a presença de livros de consulta ou de outros

materiais de leitura, espaços próprios, nos quais a criança possa desenvolver estas atividades, bem como estudar e fazer a lição de casa.

Essas sugestões ainda não seriam possíveis de ser seguidas na maior parte dos lares do Brasil, em decorrência da miséria aqui existente. Famílias de baixa renda mal têm o suficiente para sobreviver e materiais acadêmicos estimulantes não são uma prioridade.

Para Marturano (2000), através de seu envolvimento, os pais fornecem aos filhos modelos essenciais ao desenvolvimento de um senso de competência, tanto quanto recursos mais concretos, como por exemplo a assistência nas lições de casa, que contribuem para um melhor desempenho na escola.

Segundo Ramsey e Macphee (1986, citados por Marturano, 2000), as práticas educativas e a disciplina apropriada, propiciam às crianças melhor desempenho escolar quando os adultos em casa são mais unidos, cooperativos e cordiais. Cursos de capacitação de pais podem ser muito úteis na preparação das famílias para atingir essa harmonia familiar.

De acordo com Marturano (2000), o progresso escolar está associado ao suporte à autonomia e estruturação de regras e rotinas do lar. Os pais devem estimular a autonomia da criança, prestando-lhe a assistência de que necessite.

Ainda de acordo com Marturano (2000), nos primeiros anos de ensino do primeiro grau, o poder, a influência e a contribuição do professor são importantíssimas. O professor vai influenciar a visão que o aluno tem do sistema escolar e de si mesmo.

Dentro da abordagem comportamental, diz-se que o professor pode ser uma fonte de reforçadores positivos ou de controle aversivo para o aluno. O professor que estimula e motiva o aluno faz com que a escola seja vista como um ambiente acolhedor e estimulante. O professor que pune frequentemente, faz com que a escola seja vista como um lugar aversivo.

Há inúmeras pesquisas que demonstram que o grau de satisfação ou de insatisfação do docente, as suas expectativas e o tipo de relacionamento que mantém com o aluno são variáveis que podem contribuir de maneira positiva ou negativa tanto para o bom desempenho escolar quanto para o desenvolvimento psicossocial do sujeito em desenvolvimento (Alencar, 1982).

Na Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, citada por Delvan, Ramos, & Dias, 2002), a escola deve promover o desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social da criança. O currículo deve ser formulado de forma interdisciplinar.

Para Delvan et al. (2002), entende-se que a educação deve levar o sujeito a uma construção ativa de seu conhecimento que deve ser transmitido de forma ética e coerente por parte dos professores. O professor assume o papel de facilitador, dando importância às experiências do cotidiano de cada criança.

Zanella (2002) lembra que a aprendizagem é um fenômeno do dia-a-dia e não se aplica apenas às situações de sala de aula. A capacidade para aprender está presente desde o nascimento e significa um potencial de desenvolvimento que ocorre à medida que o ser humano amadurece suas estruturas cerebrais e seu sistema nervoso. Como a pessoa está sempre aprendendo, pode-se afirmar que a aprendizagem é um processo contínuo, existente ao longo da vida. A aprendizagem é um processo gradual, que ocorre passo a passo, de acordo com o ritmo de cada um. Sabe-se que as conquistas humanas relativas à aprendizagem são sempre integradas umas às outras, com cada aprendizagem se somando à anteriormente adquirida, dando ao indivíduo uma nova perspectiva e reestruturação, caracterizando um enfoque integrativo-cumulativo.

Já em 1972, Fred S. Keller desenvolveu um método de ensino individualizado que avaliava o repertório básico de entrada do aluno e programava as etapas do ensino respeitando o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Essa metodologia já foi

utilizada com sucesso em salas de aula do ensino fundamental ao ensino superior em escolas americanas.

De acordo com Skinner (1972, citado por Ries, 2002), a aprendizagem se dá por influência dos estímulos do meio devidamente aplicados aos comportamentos do indivíduo. Em contraste com os enfoques tradicionais, a atenção é centralizada no comportamento do sujeito e suas interações com o ambiente imediato. Dentro da abordagem Skinneriana, o comportamento é influenciado tanto pelos estímulos que o antecedem quanto pelos que o sucedem. Assim aqueles comportamentos que são seguidos por uma consequência agradável para a pessoa, tendem a se repetir mais vezes no futuro. Skinner denomina tais consequências de reforço. O reforço é o conceito central de condicionamento operante e a frequência é a medida deste processo.

De acordo com o DSM-IV (1995), os transtornos da aprendizagem são diagnosticados quando os resultados obtidos em testes padronizados em leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para a idade, escolarização e nível de inteligência.

Em indivíduos com transtorno de leitura, também chamado de Dislexia, a leitura oral caracteriza-se por distorções, substituições ou omissões; tanto a leitura em voz alta quanto a silenciosa caracterizam-se por lentidão e erros na compreensão (DSM-IV, 1995).

A leitura inadequada e lenta e a baixa compreensão de um texto levam o sujeito portador deste transtorno a um afastamento progressivo da palavra escrita. Isto também acarreta dificuldades em lembrar de fatos lidos, tirar conclusões e fazer inferências e uso das informações gerais sobre o que foi lido. O nível de rendimento fica abaixo do esperado quanto aos critérios de idade cronológica, inteligência e escolaridade.

No transtorno da expressão escrita existe uma combinação de dificuldades da escrita com deficiências em compor textos, com muitos erros gramaticais e de pontuação, uma desorganização gráfica e desenvolvimento temático pobre. Provavelmente, as aprendizagens fonéticas, gramaticais e gráficas também são adquiridas erroneamente. Ao escrever ocorrem omissões, dissociações, inversões e acréscimos de palavras.

No transtorno da matemática, muitas habilidades podem estar defasadas, incluindo-se: as lingüísticas, tais como compreensão e nomeação de termos, operações e conceitos matemáticos; as perceptuais, como o reconhecimento e a leitura dos símbolos numéricos, agrupamentos de objetos e conjuntos; a atenção, para copiar números, cifras, observar sinais de operações; e as matemáticas, seguindo seqüências de etapas na resolução de problemas, contando objetos e efetuando cálculos.

Segundo La Rosa (2002), os transtornos de aprendizagem podem trazer mais danos no período da adolescência do que na

infância, pois a transição para a vida adulta exige competências mais complexas dos tipos acadêmico e profissional, acarretando agravamento destas tarefas e, portanto, afastamento delas. Os problemas de aprendizagem interferem significativamente no rendimento escolar e nas atividades da vida diária que exigem habilidades de leitura, matemática ou escrita.

Os transtornos da aprendizagem estão também intimamente relacionados a problemas de comportamentos antisociais dos alunos. Os transtornos de aprendizagem tanto podem ser vistos como causa dos comportamentos antisociais como consequência dos mesmos.

Influência do Ambiente Familiar

Segundo Andrados (1971), é grande o número de crianças levadas a clínicas de orientação infantil devido à sua falta de rendimento nos estudos, apatia, oposicionismo, rebeldia, indisciplina e distúrbios de conduta. Frequentemente a falta de estabilidade no lar é vista como fator determinante desses comportamentos. Para a autora, as causas desses problemas estão relacionadas à instabilidade familiar e à separação dos cônjuges e à baixa condição socioeconômica da família.

Outros indicadores da instabilidade familiar incluem a mobilidade residencial, o número de relações íntimas envolvendo a pessoa que fornece atenção primária à criança, o

número de famílias com as quais a criança tem vivido, sérias doenças na infância e outros eventos de vida negativos recentes, como o falecimento de parentes, mudanças de emprego, entre outros (Ackerman, Kogos, Youngstrom, Schoff, & Izard, 1999).

Hammen (1992, citado por Ackerman et al., 1999) sugere que os ambientes cronicamente estressantes impedem o desenvolvimento do processo dos métodos bem-sucedidos de adaptação competentes. Partindo dessa perspectiva, crianças que experimentam instabilidade familiar persistentemente alta na pré-escola e também na primeira série podem mostrar níveis mais altos de condutas problemáticas na primeira série do que aquelas crianças que experimentam alta instabilidade familiar somente na pré-escola ou somente na primeira série.

Se ocorrerem fatores estressantes que possam interferir no relacionamento dos pais, então a criança é colocada em risco de problemas de ajuste. Por exemplo, em caso de divórcio, os problemas de conduta pós-separação ocorrem com a diminuição da responsabilidade dos pais, afeição, envolvimento e um aumento na irritabilidade dos pais, com conseqüente aumento de uso de punição dos filhos (Ackerman et al., 1999).

Crianças que crescem em famílias carentes do ponto de vista sócioeconômico correm risco de ter uma variedade de problemas sociais e acadêmicos. Estes problemas incluem um elevado risco de déficits de habilidade, um desempenho

acadêmico relativamente pequeno e uma grande retenção nas escolas primárias e secundárias (Ackerman et al., 1999).

Seria interessante estudar indicadores sociais e acadêmicos de famílias que tiveram oportunidade de melhorar a posição sócioeconômica.

Variáveis familiares podem contribuir para a persistência dos problemas entre a fase pré-escolar e a escolar (Denham, Workman, Cole, Weissbrod, Kendziora, & Zahn-Waxler, 2000, citados por Ferreira e Marturano, 2002) e entre a meninice e a adolescência (Fergusson, Lynsky, & Horwood, 1996, citados por Ferreira e Marturano, 2002). Pesquisas recentes sugerem que, embora o envolvimento do adolescente em atividades anti-sociais seja influenciado significativamente por seus relacionamentos com companheiros anti-sociais, a cadeia de eventos que conduz muitos adolescentes para grupos anti-sociais começa no lar, durante a meninice; os elos nessa cadeia incluem práticas educativas coercitivas e punitivas, que contribuem para o desenvolvimento de agressão e fracasso; estes, por sua vez, levam à seleção de companheiros anti-sociais (Collins, Maccoby, Steiberg, Hetherington & Bornstein, 2000, citados por Ferreira e Marturano, 2002).

As práticas parentais pobres em termos de disciplina e de monitoramento da criança propiciam as condições iniciais para os problemas de conduta (Patterson, DeBaryshe, & Ramsey, 1989).

O comportamento dos pais tem enorme influência sobre o desenvolvimento dos filhos. Em muitos casos, a falta de equilíbrio emocional e afetivo dos pais, submetidos a pressões externas, dificulta a estabilidade necessária para propiciar na criança o surgimento de comportamentos ajustados. A educação sem afeto, a escassez de laços amorosos e a falta de tempo para o relacionamento entre pais e filhos são condições que favorecem o aparecimento de perturbações psíquicas e de aprendizagens distorcidas ou patológicas (Alencar, 1982).

Dentro da abordagem comportamental os comportamentos são considerados como sendo influenciados pelas contingências que incluem a ausência de manifestações de afeto contingentes a comportamentos apropriados e presença dessas manifestações contingentes apenas a comportamentos inapropriados. Esse tipo de contingências leva ao fortalecimento de comportamentos cada vez mais inapropriados no indivíduo para quem o afeto é um reforçador.

Na área da influência familiar, os aspectos que têm suscitado maior interesse por parte de estudiosos e pesquisadores do assunto são as características da qualidade da interação pais-criança e suas repercussões no comportamento da criança. (Rutter, 1976a, citado por Alencar, 1982). As primeiras aprendizagens e progressiva independência da criança depende da influência dos pais ou dos responsáveis. (Vasconcelos, 1997, citado por Ramos, 2002).

Barnett (1992, citado por Falcone, 2000) afirma que os primeiros anos de vida podem ser críticos para que os pais e outros agentes socializadores tentem reforçar ou modificar a conduta da criança. Assim, um ambiente socializador no início da vida favorece o desenvolvimento da empatia. Os atributos parentais, tais como simpatia, compreensão, cuidado, aceitação e sensibilidade, são vistos como tendo efeitos muito positivos nas crianças.

A falta de empatia parental, especialmente por parte da mãe, é considerada responsável por algumas formas de psicopatologia infantil (Falcone, 2000). Essa visão é bastante polêmica por não ser sustentada por testes empíricos e culpar as mães quando existem outras variáveis muito mais prováveis de serem responsáveis pelos distúrbios infantis.

Para Falcone (2000), a conduta dos pais, caracterizada por manifestações de simpatia, compreensão, cuidado, aceitação e sensibilidade, promove maior auto-estima e autoconfiança nos filhos. Por outro lado, pais menos sensíveis aos sentimentos de seus filhos, poderão promover sentimentos de inadequação e de insegurança neles. Pais que empregam castigos físicos freqüentes estão contribuindo para a formação de padrões de comportamento agressivo em seus filhos, assim como possíveis desajustes emocionais.

Nas relações familiares inadequadas provocadas pela ausência de afeto e com presença freqüente de hostilidade,

discórdia e desarmonia familiar, a criança é mais propensa a apresentar comportamento anti-social e delinqüente (Alencar, 1982).

Educação dos Filhos

Educar os filhos é uma tarefa complexa: cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à capacidade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que deles é exigido em termos de mudança de conduta e de atendimento às necessidades e solicitações do filho. Segundo Carvalho (2000), para disciplinar os filhos, os pais quase sempre apelam para o autoritarismo.

De acordo com Maldonado (1999), algumas décadas atrás havia uma espécie de código para a educação e a tarefa de criar filhos parecia mais simples pela existência de regras e tradições inquestionáveis, tais como “crianças não dão palpites” ou “umas boas palmadas resolvem tudo”.

As maneiras tradicionais de criar filhos foram profundamente questionadas e hoje os pais estão expostos a uma grande quantidade de informações em livros, revistas e outros meios de comunicação. Essas informações são, com freqüência, contraditórias. “É válido dar palmadas ou colocar de castigo?” “Se eu disser não muitas vezes, a criança vai ficar traumatizada?”. Inúmeras perguntas revelam a insegurança e

desorientação dos pais indefinidos em seu papel de educadores (Maldonado, 1999).

As maiores controvérsias dizem respeito ao uso de punição na educação. A punição física é hoje vista como contraprodutiva na educação dos filhos. Angeli (2000) relata formas eficientes de manter a disciplina, sem recorrer à agressão física e recomenda manter um diálogo coerente, ajudando o filho a discernir o certo do errado e recomenda que o pai recompense o bom comportamento de seu filho com um elogio sincero e não exagerado.

Segundo Tavares (2002), os pais precisam de alguns princípios básicos para orientar uma criança, precisam prover materiais, brinquedos e atividades apropriadas para a idade e encorajar uma atitude positiva com relação à aprendizagem e à curiosidade.

Pode-se argumentar que famílias de baixa renda não têm meios para oferecer esse tipo de estímulos que requer dispêndio de dinheiro, mas não há nada que as impeça de tentar desenvolver brinquedos com material reciclado e atividades lúdicas que não envolvam gastos e que auxiliem na estimulação das crianças, inclusive para seu aprendizado escolar.

Outro princípio muito importante para Tavares (2002), refere-se às necessidades emocionais, pois a criança precisa saber que os pais a amam e que seu amor por ela é

incondicional, mesmo que em alguns momentos haja desaprovação de seu comportamento. Em outras palavras, é importante comunicar o amor pela criança, de modo que ela possa entender, expressar seu afeto de forma direta com carinho, palavras e atenção. Também é papel dos pais ajudá-la a compreender as emoções que sente, sejam elas positivas ou negativas, e ensinar-lhe as diversas maneiras de expressar seus sentimentos.

Na realidade, o que ocorre em grande parte das famílias é que os pais, quando crianças, foram tratados por seus pais com estratégias punitivas. Essas práticas foram incorporadas em seus repertórios e passaram a utilizá-las na educação de seus próprios filhos, perpetuando-as. Então, muitas vezes faz-se necessário quebrar esse ciclo através da intervenção de um profissional que ajude os pais a adquirir novas e corretas formas de lidar com os filhos. Contudo, esse tipo de ajuda profissional geralmente não está disponível para famílias de baixa renda.

Pais autoritários, que controlam seus filhos de maneira intensa, intimidativa, provocando sentimentos de culpa ou reações emocionais de rebeldia impedem o exercício ativo da livre escolha, que estimula o crescimento pessoal, a individualidade e a autonomia. Da mesma forma, pais superprotetores, que oferecem cuidados desnecessários, acabam prejudicando a criança (Tavares, 2002).

Zagury (2001) afirma que algumas pessoas acreditam que colocar limites provoca necessariamente um trauma psicológico na criança e, em consequência, acabam abrindo mão desse elemento fundamental na educação.

Ainda de acordo com Zagury (2001), ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja na vida. É necessário que a criança interiorize a idéia de que poderá fazer muitas, milhares, a maioria das coisas que deseja, mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Entre satisfazer o próprio desejo e pensar no direito do outro, muitos tendem a preferir satisfazer o próprio desejo, ainda que, por vezes, prejudique alguém. Porque afinal, nem sempre o que se deseja é útil e correto socialmente.

A definição dos parâmetros desses limites normalmente cabe aos pais, à organização da escola e à sociedade freqüentada pela criança, podendo, portanto, ser variável. Entretanto, faz-se necessário que esses limites fiquem bastante claros para a criança, o que deve ser feito pelos pais e professores devidamente preparados para isso.

Análise Funcional

A Análise Aplicada do Comportamento, derivada do Behaviorismo Skinneriano, tem produzido um número extensivo de pesquisas e relatos de tratamento de vários distúrbios comportamentais, incluindo hiperatividade, comportamentos anti-sociais e déficit de atenção em crianças. De acordo com a abordagem, o diagnóstico é feito em termos estritamente funcionais, sendo fundamental identificar os determinantes atuais que controlam o comportamento, independentemente de possíveis causas orgânicas ou ambientais (Inesta, 1980).

O'Neill, Horner, Albin, Sprague, Storey e Newton, (1997) definem a avaliação funcional como um processo para obter informações sobre a pessoa e seu problema de modo a maximizar a efetividade e a eficiência da intervenção comportamental. Para esses autores, o resultado de uma avaliação funcional inclui: descrição clara dos problemas comportamentais; identificação dos eventos, hora e situações que predizem quando o comportamento-problema ocorre; desenvolvimento de hipóteses com especificação de situações, comportamentos e os resultados conseguidos com aqueles comportamentos (possíveis reforçadores); e, finalmente, observações diretas e análise funcional propriamente dita para verificar se as hipóteses são verdadeiras.

Inesta (1980) ressalta a necessidade de uma análise funcional e, para isso, recomenda a identificação clara dos comportamentos atuais da pessoa, ou seja, seu repertório de entrada. Esse quadro ajudará na escolha do tipo de intervenção a ser usada. Em seguida, deve-se investigar a que se deve a existência do déficit ou do excesso comportamental. Possíveis causas podem envolver lesões biológicas permanentes ou variáveis ambientais, tais como deficiência na administração de conseqüências positivas contingentes a comportamentos adequados da pessoa ou aplicação excessiva de estimulação aversiva. Também é possível que os problemas comportamentais se devam ao fato de a pessoa possuir comportamentos que a afastem das formas positivas de estimulação social. Estes comportamentos tornam-se aversivos para os outros e, por serem indesejáveis, privam o indivíduo dos reforçamentos sociais necessários.

Assim, o primeiro passo será suprimir estes comportamentos indesejáveis por meio da identificação das fontes que os mantêm.

O'Neill et al. (1997) expandem o conceito das funções dos comportamentos inadequados apresentando outros fatores que podem estar mantendo-os. A função desses comportamentos inclui tentativas de obter reforçadores ou tentativas de evitar estímulos aversivos. Possíveis reforçadores incluem a atenção, um item desejado, a participação em atividades desejadas, a

auto-estimulação, entre outros. O comportamento pode também ser mantido quando a pessoa consegue evitar ou fugir de situações aversivas, tais como uma ordem ou uma atividade indesejada, como por exemplo tarefas e obrigações no lar.

Uma vez concluída a análise funcional, a intervenção é planejada e implementada. O tratamento comportamental atua basicamente na criação de novos comportamentos, no aumento da frequência dos comportamentos já existentes mas que não ocorrem freqüentemente, na supressão de comportamentos inadequados e na mudança contextual de comportamentos adequados que ocorrem em momentos inadequados.

Patterson (1986) levanta a hipótese de que as crianças que apresentam comportamentos anti-sociais, como por exemplo xingar, bater nos companheiros, desrespeitar os mais velhos, entre outros, têm pais com falta de habilidades no manejo familiar, o que desencadeia um processo que leva a criança a ser rejeitada pelos companheiros que não apresentam comportamentos semelhantes, ao fracasso escolar e a ter uma baixa auto-estima.

Treinamento de Pais

Conforme Marinho (2000), o desenvolvimento e a identificação de tratamentos efetivos para distúrbios emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes são objetivos

importantes para os profissionais de saúde mental. A alta frequência de problemas experimentados por crianças e jovens e a continuidade, nos anos subsequentes, de disfunções iniciadas na infância respaldam a relevância de intervenções efetivas tanto para reduzir o sofrimento infantil como para prevenir ou atenuar o prejuízo que pode emergir mais tarde. Para se ter uma idéia, apenas nos Estados Unidos, entre 12% e 17% da população, aproximadamente 14 milhões de jovens, sofre de desordens emocionais e comportamentais (Kazdin, 1991, citado por Marinho, 2000). Embora não se tenham dados relativos à realidade brasileira, a grande procura por atendimento infantil, em especial nas clínicas que prestam atendimento gratuito ou quase gratuito, indica que a situação não parece menos preocupante no Brasil.

Segundo Marinho (2000), com base na visão geral de que os problemas comportamentais infantis são, ao menos em parte, desenvolvidos e mantidos em casa por interações mal-adaptativas entre pais e filhos, os pais têm sido incluídos nos programas de psicoterapia infantil, não só como mediadores da terapia, mas também, eles próprios, como alvo da intervenção. Nessa linha de trabalho, o treinamento de pais tem sido a estratégia para o tratamento de comportamento infantil disruptivo mais extensamente avaliada e ampliada nas últimas décadas.

No modelo triádico de Tharp e Wetzel (1969, citados por Silves, 1995) emprega-se um terapeuta que trabalha diretamente com os pais (mediadores) para reduzir a conduta-problema da criança (objetivo). A suposição subjacente a esse modelo é que algum tipo de déficit nas habilidades próprias do papel de pai/mãe é, ao menos parcialmente, responsável pelo desenvolvimento e/ou pela manutenção dos comportamentos-problema apresentados pela criança.

De acordo com Silves (1995), a primeira premissa subjacente desse modelo é que para a ocorrência de mudanças comportamentais positivas, os comportamentos inadequados não devem ser reforçados, enquanto os adequados sim. A segunda premissa considera que as manipulações ambientais, promotoras das mudanças comportamentais, devem ser operadas por quem disponha dos reforçadores (os mediadores). No caso das famílias, os mediadores, com alta probabilidade, seriam os pais da criança com dificuldades. Assim, os pais, mediadores ideais, foram concebidos, dentro do modelo triádico, como aqueles que deveriam receber a orientação psicológica no sentido de mudança dos padrões comportamentais de seus filhos. Daí, então, o foco da intervenção recair sobre o aprendizado pelos pais de determinadas habilidades consideradas importantes na interação com as crianças.

Para Silves (1995), duas formas assumidas pelo modelo triádico no trabalho com famílias, bastante conhecidas desde a

implantação do modelo, têm sido: **a.** orientação de pais em manejo de contingências; **b.** contrato de contingências.

O treino de pais em manejo de contingências, segundo Beck (1985, citado por Silvaes, 1995), consiste em orientar os pais para lidar com os comportamentos problemáticos de seus filhos pela aplicação de princípios comportamentais. Já existe uma série de estudos com orientação de pais em manejo de contingências apresentando ampla faixa de comportamentos das crianças que foram modificados. Os pais têm sido orientados para diminuir tricotilomania, vômito psicogênico e roubo e para aumentar a interação desejável entre irmãos, bem como, simultaneamente, aumentar a obediência e diminuir a desobediência de seus filhos. As habilidades ensinadas à maioria dos pais podem ser categorizadas como atenção diferencial e técnicas de *time-out*. A maioria dos programas de treino ensina estas técnicas aos pais por intermédio de modelação, treino comportamental e *feedback* do terapeuta (Silvaes, 1995).

Um dos trabalhos pioneiros sobre treino de pais em manejo de contingências a ser registrado de modo a ilustrar essa forma de intervenção foi descrito por Hawkins, Peterson, Shweid, e Bijou (1966). A mãe de uma criança, através de *feedback* do terapeuta (sinais de dedo relativos a contingências previamente combinadas), aprendeu a controlar comportamentos agressivos e de birra da criança usando o *time-out* e a atenção

diferencial. Esse estudo foi descrito em vários manuais para treino de pais, ilustrando como agir com os filhos ou como manejar adequadamente as contingências ambientais para alterar comportamentos infantis inadequados (Becker, 1974).

Em nosso país, a aplicação da estratégia de treino de pais em manejo de contingências pode ser ilustrada pelo trabalho de Brandão (1987, citada por Silves, 1995). A autora trabalhou com uma criança considerada autista, cujos pais queixavam-se de seu riso freqüente e sem motivo, ausência de fala, dependência, comportamentos de birra e dificuldades no contato com semelhantes. Envolvendo um terapeuta e os pais, além de três outros mediadores (irmã, professora e companheiro de classe), o trabalho pôde favorecer a interação social da criança, seu brincar independente, além de desenvolver seu comportamento verbal e seu desempenho na formação de conceitos.

O contrato de contingências, na opinião de DowdeOlson (1985, citados por Silves, 1995), é o procedimento de mudança comportamental no qual é feito: **a.** um acordo entre as pessoas que desejam mudar o comportamento (por exemplo pais, professores ou conselheiros) e aquele cujo comportamento necessita ser alterado (por exemplo criança, estudante ou cliente); ou **b.** um contrato entre duas ou mais pessoas que desejam mudanças entre si. Usualmente, os contratos assumem

a forma escrita, com a especificação das relações entre comportamentos e conseqüências.

Por esses termos mencionados podem ser percebidos dois pontos importantes envolvidos na estratégia: **a.** a impossibilidade de se levar adiante um contrato de contingências sem a participação ativa da criança-cliente nas contingências determinantes das suas próprias mudanças comportamentais; **b.** a necessidade de o controle das contingências, nos contratos bilaterais, ser relativo a mais de uma pessoa envolvida no acordo, isto é, são supostas alterações comportamentais em outros elementos do grupo familiar, além de na própria criança cujo comportamento é alvo de atenção.

Um exemplo recente deste tipo de intervenção é o trabalho de Miller e Kelley (1994, citado por Silvaes, 1995), no qual duas crianças tiveram melhorias em seu desempenho em tarefas escolares por meio do contrato de contingências estabelecido entre pais e filhos com auxílio dos psicólogos. Nesse caso, o contrato estipulava que as crianças trouxessem para casa, todos os dias, a lição de casa e os materiais necessários para sua execução. Além disso, junto com os pais elas deveriam definir, todos os dias, os objetivos para a realização da tarefa e, a cada semana, com a ajuda do psicólogo, os pais e a criança discutiriam os termos do contrato, ou seja, as recompensas que

a criança deveria receber pelo alcance dos objetivos ou as sanções por não alcançá-los (Silvares, 1995).

Para Silvares (1995), no treino familiar em resolução de problemas, outras variáveis além dessas entram em jogo no desenrolar da intervenção terapêutica. No treino de pais, o trabalho inicialmente tem foco na criança, isto é, ela é o alvo identificado para tratamento. Diferentemente do treino de pais, o modelo conceitual da terapia comportamental familiar reconhece que muitas outras variáveis, além das deficiências de habilidades parentais, podem interferir negativamente na habilidade dos adultos em educar suas crianças e, portanto, contribuir para o comportamento inadequado delas.

De acordo com a mesma autora, os relatos verbais ou os rótulos negativos acerca da criança, podem levar ao encaminhamento inapropriado para tratamento, prejudicar o relacionamento parental efetivo e, se não forem modificadas durante o processo terapêutico, resultar na falha dos efeitos do tratamento em se generalizar no tempo após seu término.

As variáveis psicológicas, tais como ansiedade, depressão e reatividade emocional dos pais podem prejudicar suas habilidades efetivas e levá-los a perceber seus filhos mais negativamente. Isto pode levar a criança a apresentar desânimo, apatia e falta de iniciativa em suas atividades. Pesquisas recentes têm demonstrado que brigas e hostilidades entre a

dupla conjugal em casa podem aumentar diretamente a agressão infantil (Silvares, 1995).

Outras variáveis sociais, tais como pobreza, ajustamento social inadequado e insularidade parental (poucos contatos e apoio extra de familiares) podem também prejudicar as percepções dos pais em relação aos problemas apresentados pelos filhos e os comportamentos utilizados pelos pais no relacionamento com os filhos.

Mesmo a criança sendo o alvo da mudança, o enfoque clínico pode, muitas vezes, mudar para outros indivíduos ou relacionamentos dentro da família se estes estiverem afetando a criança. Com isso, o treino de pais é freqüentemente multimodal e as técnicas comportamentais terapêuticas são implementadas de modo a facilitar o funcionamento de indivíduos, díades, tríades ou outros subgrupos dentro da família, com o objetivo último de melhoria no comportamento infantil (Silvares, 1995).

A grande maioria dos trabalhos desenvolvida com os pais está relacionada aos conceitos da análise de comportamento. Quando se pensa, por exemplo, na criança que é trazida à clínica, conclui-se que seu ambiente também deva ser alvo de análise.

Em conseqüência dessa inter-relação indivíduo-ambiente é que se considera que a alteração de alguma variável relevante do contexto, no caso, o comportamento parental, pode produzir

mudanças em outras variáveis. Dessa forma, o trabalho parental efetivo requer três passos, de acordo com O'Dell (1974, citado por Marinho, 2000): **a.** os pais devem adquirir habilidades e modificar seu próprio comportamento; **b.** mudanças devem ser implementadas com as crianças; e **c.** mudanças devem generalizar e persistir.

A maioria dos pais usam a experiência que tiveram com os próprios pais como modelo na educação dos filhos. Esse modelo muitas vezes é inadequado, multiplicando experiências que vão de ações agressivas à negligência total. Assim, muitas vezes é preciso haver a intervenção de um profissional que os ensine técnicas de motivação e reforço de comportamentos adequados e estratégias de redução de comportamentos inadequados. Os pais são encorajados a empregar essas habilidades adquiridas para promover mudanças nos comportamentos inadequados dos filhos.

Os inúmeros artigos e livros publicados na área de orientação parental, seja ela feita com pais individualmente ou em grupo, têm demonstrado que essa é uma abordagem terapêutica efetiva que apresenta rápidos resultados satisfatórios no tratamento do comportamento infantil desviante. Um dos mais influentes programas de treinamento parental citado na literatura foi desenvolvido por Patterson e seus colaboradores (Webster-Stratton, 1991, citado por Marinho, 2000) e conta com duas décadas de pesquisas com mais de 200

famílias. Originalmente criado para tratar de problemas de crianças pré-adolescentes com idades entre 3 e 12 anos, engajadas em desordens de conduta, foi posteriormente ampliado para utilização com adolescentes delinquentes. O programa requer, em geral, 20 horas de contato direto com as famílias individualmente e inclui visitas ao lar para encorajar a implementação das estratégias apresentadas. Os componentes centrais da intervenção são cinco práticas de gerenciamento familiar, ensinadas passo a passo: discriminar com precisão os comportamentos-problema infantis; utilizar técnicas de reforçamento; utilizar procedimentos que estabeleçam disciplina; monitorar a criança; e aplicar estratégias de solução de problemas (Marinho, 2000).

Além deste, outros programas bastante utilizados nas últimas décadas são derivações e ampliações da intervenção proposta por HanfeKling (1973, citados por Marinho, 2000) para reduzir desobediência em crianças jovens. O programa consiste de duas fases nas quais se ensina aos pais a mudar padrões mal-adaptativos de interação com os filhos. Em cada fase são ensinadas habilidades parentais específicas de maneira sistemática. Os pais são ensinados a descrever o comportamento da criança e a ser agentes mais efetivos de reforçamento. Isso é feito incrementando a freqüência, a variedade e a extensão de recompensas sociais e reduzindo a freqüência de comportamentos verbais concorrentes, tais como

comandos, críticas e questionamentos. Os pais são também instruídos a ignorar certos comportamento infantis considerados inapropriados. Os pais são também ensinados a dar instruções claras e efetivas para a criança, usando comandos diretos, concisos, um de cada vez, permitindo à criança tempo para obedecer, e a proporcionar conseqüências apropriadas para a obediência, tais como recompensas verbais e físicas, atenção, ou para a desobediência, como *time-out* (Marinho, 2000).

Um outro modelo de intervenção parental para tratamento de crianças com problemas de conduta foi desenvolvido por Webster-Stratton (1990 e 1991, citados por Marinho, 2000). A intervenção foi delineada para pais componentes dos programas de Hanf e Kling, Forehand e McMahon, Patterson e seus colaboradores, além de basear-se na teoria da modelação de Bandura (1977, citado por Marinho, 2000). O tratamento é desenvolvido em situação grupal e utiliza métodos de aprendizagem por observação do modelo, por meio de apresentação de vinhetas curtas em videoteipe. As pessoas que atuam como modelo são de diferentes sexos, idades, culturas, níveis socioeconômicos e temperamento, de forma que os pais possam percebê-las como similares a eles próprios e a suas crianças. As vinhetas foram filmadas em situação natural e mostram os pais-atores “fazendo o certo” e “fazendo o errado”, o que ajuda a desmistificar a idéia da existência de pais perfeitos (Marinho, 2000).

Forenhand e McMahon (1981, citados por Marinho, 2000), adaptaram esse programa conduziram com sucesso em um contexto clínico com famílias individualmente. O tratamento ocorria em uma sala de brinquedos equipado com um espelho unidirecional. Os métodos de intervenção envolviam *role-playing* e o uso de aparelho de escuta, através dos quais o terapeuta podia, diretamente, orientar os pais enquanto estes interagiam com suas crianças.

Para MacMahon (1996), uma maior obediência às instruções dos pais não só resulta em diminuição de outros comportamentos-problema, mas também as crianças parecem mais felizes à medida que aprendem modos mais pró-sociais de interação com seus pais, irmãos, professores e companheiros.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi orientar e capacitar pais de crianças com comportamentos sociais inadequados a mudar sua prática parental para reduzir os comportamentos-problema dos filhos.

Método

Participantes

O estudo foi realizado com três famílias de baixa renda selecionadas por indicação dos professores das crianças da escola que freqüentavam. A indicação dos professores foi baseada nos comportamentos sociais inadequados apresentados pelas crianças: três meninos de 9 anos de idade que freqüentavam a 3ª série do ensino fundamental, sendo que dois estudavam no turno matutino e um estudava no turno vespertino. O trabalho de orientação foi realizado com as mães das crianças, cujos pais biológicos eram ausentes de suas vidas.

Ambiente

O presente estudo foi realizado em uma escola estadual localizada no município de Goiânia-GO. As reuniões de orientação para os pais foram realizadas na sala da diretoria da escola. A sala era bem arejada e bem iluminada e continha carteiras e uma mesa. Para maior privacidade, a porta da sala era fechada quando havia encontros com os pais.

Materiais

Para a coleta de dados foram utilizados:

- Questionário de anamnese aplicado às mães com questões que abordam o desenvolvimento da criança, o ambiente familiar, a rotina diária, potenciais reforçadores e identificação dos comportamentos sociais inadequados (Apêndice A);
- Questionário aplicado às crianças para obter informações sobre sua rotina diária e potenciais reforçadores (Apêndice B);
- Folhas de registro de dados (Apêndice C);
- Caneta, lápis e relógio;
- Material didático para a intervenção com os pais (Apêndice D).

Procedimento

O primeiro passo na seleção de crianças com comportamentos sociais inadequados foi uma visita à escola, na qual a coordenadora pedagógica ajudou a identificar potenciais participantes. As crianças selecionadas foram aquelas que, segundo as professoras, não paravam na carteira, conversavam o tempo todo e não participavam das tarefas escolares. A escola

primeiramente indicou cinco alunos, todos do sexo masculino, mas apenas três participaram da pesquisa porque duas crianças já tinham sido encaminhadas para atendimento psicológico e os pais disseram que não tinham tempo para participar da pesquisa.

Durante o encontro com as mães foi explicado que o objetivo do estudo era avaliar a influência da orientação de pais na frequência de comportamentos sociais inadequados dos filhos. Foi perguntado a elas se realmente gostariam de participar da pesquisa, considerando-se que seria necessário o cumprimento de todas as tarefas propostas para que o trabalho pudesse ser concluído adequadamente.

No mesmo encontro a pesquisadora preencheu um questionário de anamnese junto às mães, no qual, dentre várias informações, foram identificados e registrados os comportamentos-alvo das crianças a serem modificados no estudo.

Em um terceiro encontro foi entregue a cada mãe a folha onde deveriam registrar os dados. Essas folhas continham os comportamentos-alvo identificados pela mãe juntamente com a pesquisadora, com espaços apropriados

A pesquisadora aplicou um questionário também às crianças e obteve informações sobre suas rotinas no dia-a-dia e sobre potenciais reforçadores.

Os comportamentos-alvo identificados para o Participante 1 foram:

- 1) Agressão Verbal: xingar, falar palavrão;
- 2) Desobediência: deixar de seguir instruções da mãe em relação à cooperação em casa (limpar o banheiro, enxugar a louça, etc.);
- 3) Descumprimento de tarefas: deixar de realizar as atividades propostas pela professora da escola para casa.

Para o Participante 2, os comportamentos-alvo foram:

- 1) Agressão física: chutar, bater;
- 2) Reclamação: queixar-se e lamuriar-se frente a qualquer pedido dos pais;
- 3) Descumprimento de tarefas: deixar de realizar as atividades propostas pela professora da escola para casa.

Para o Participante 3 foram identificados os seguintes comportamentos-alvo:

- 1) Agressão Verbal: xingar, falar palavrão;
- 2) Falta de higiene pessoal: deixar de tomar banho e escovar os dentes;
- 3) Descumprimento de tarefas: deixar de realizar as atividades propostas pela professora da escola para casa.

Para demonstrar controle experimental utilizou-se o delineamento de Linha de Base Múltipla entre Sujeitos, composto de uma fase de Linha de Base e uma fase de Intervenção. Devido à natureza do delineamento utilizado, as Linhas de Base tiveram duração variada: os dados foram coletados por 4 dias para o Participante 1, por 8 dias para o Participante 2 e por 12 dias para o Participante 3.

A seguir foi iniciada a fase de Intervenção, que consistiu em orientar os pais sobre técnicas de modificação de comportamento no manejo dos comportamentos sociais inadequados dos filhos.

Alguns conceitos básicos da Análise Aplicada do Comportamento foram explicados às mães das crianças: Reforçamento positivo, Extinção e Modelagem. Exemplos em forma de desenho foram dados para ilustrar as orientações básicas dadas. Exemplos do material didático utilizado no treinamento encontram-se no Apêndice D. Esse material foi desenvolvido por Faber, A., e Mazlish, E. (2003).

Para a intervenção foram dadas explicações às mães sobre posturas que deveriam ser adotadas daquele momento em diante em relação aos comportamentos adequados e inadequados apresentados pelos filhos. Foi feita uma seleção dos potenciais reforçadores para as crianças e foi explicado às mães que estes reforçadores deveriam ser administrados imediatamente após a emissão dos comportamentos desejáveis

em quantidades pequenas, suficientes para reforçar mas não para saciar a criança e que deveriam ser contingentes apenas aos comportamentos-alvo. Por exemplo, em casos de comportamentos mais complexos que exigiam várias etapas, possíveis guloseimas que fossem reforçadoras não deveriam ser entregues inteiras à criança, mas sim cortadas em pequenos pedaços e dadas contingentes ao cumprimento de cada etapa dos comportamentos desejáveis.

A mãe deveria estar bem atenta, reforçando os comportamentos adequados da criança e tendo cuidado para não reforçar os comportamentos inadequados. As mães deveriam sempre associar os reforçadores tangíveis (doces, figurinhas) com reforçadores naturais (elogios) para facilitar a retirada mais tarde dos reforçadores tangíveis.

A mãe deveria ser bem clara ao dar instruções à criança, ter expressão firme, dizer o nome da criança, manter contato olho a olho, usar tom de voz firme, não falar muito e dar comandos diretos, simples, claros e breves. Foi explicado às mães que elas não deveriam gritar ou bater nas crianças quando estas emitissem comportamentos inadequados. Em vez disso, se os comportamentos fossem sérios (ex. bater no irmão, na avó) a criança perderia algum privilégio por um período de tempo ou seria colocada de castigo por, no máximo, cinco minutos. Também foi explicado que os castigos mais curtos eram mais efetivos do que os longos e que era importante voltar a elogiar

assim que a criança voltasse a engajar em comportamentos sociais adequados.

Os reforçadores iniciais usados para o Participante 1 foram: chocolate, iogurte, salgadinho, andar de bicicleta, brincar de bola e elogios. Para o Participante 2 foram usados: chocolate, refrigerante, balinha, ir para a locadora brincar com jogos eletrônicos e elogios. Para o Participante 3 foram usados: dinheiro, figurinha, leite em pó, salgadinhos, ir para a casa de um amigo e elogios. Após o fortalecimento dos comportamentos adequados, as mães foram lembradas a ir gradativamente retirando os reforçadores artificiais e passando a usar somente reforçadores mais naturais, como os elogios.

Os encontros aconteceram semanalmente por períodos de 1 hora cada. O conteúdo dos encontros incluiu:

- 1) Discussão de como as mães estavam dando instruções aos filhos;
- 2) Apresentação de exemplos de formas eficazes de dar instrução;
- 3) Discussão de possíveis efeitos observados após o uso da nova forma de dar instrução;
- 4) Apresentação de opções de comportamentos a serem adotados pela mãe em situações polêmicas com a criança;

- 5) Análise da frequência dos comportamentos inadequados que ocorreram na semana;
- 6) Análise dos progressos observados e dificuldades encontradas.

Em todos os encontros se enfatizava a necessidade de as mães serem cada vez mais reforçadoras dos comportamentos adequados dos filhos e cada vez menos coercitivas e menos punitivas na disciplina dos mesmos. Era dito a elas que a mudança nos comportamentos inadequados não poderia ocorrer da noite para o dia, e que a melhora só iria ocorrer depois de muito esforço, paciência e dedicação das mesmas. Textos ilustrados com gravuras, obtidos no trabalho de Faber e Mazlish (2003), foram usados para dar exemplos de situações polêmicas com formas adequadas e inadequadas de lidar com os comportamentos inadequados dos filhos.

Durante os encontros era dito às mães que o esforço delas era muito importante e que os comportamentos dos filhos só seriam mudados se elas conseguissem mudar o próprio comportamento. As mães deveriam ser consistentes nas regras estabelecidas. Assim, a criança só poderia conseguir o reforçador se realmente cumprisse as regras estabelecidas.

Por exemplo, uma mãe havia feito um trato com o filho especificando as obrigações que tinha que cumprir e que assim que terminasse poderia brincar. Inicialmente, a criança

reclamou, gritou e chorou por querer brincar antes de terminar as suas obrigações. A mãe foi orientada a se manter firme, pois se cedesse poderia reforçar o comportamentos inadequado da criança. Em poucos dias a criança passou a cooperar mais e esperar a conclusão das tarefas para ir brincar.

Os exemplos das gravuras mostravam formas de lidar com situações difíceis do dia a dia, especialmente situações em que as crianças querem algo que não podem ter.

Uma gravura continha orientação para colocar bilhetes em lugares visíveis lembrando a criança sobre obrigações importantes que deveria cumprir. As mães relataram que gostaram muito dessa estratégia e que a acharam bastante útil.

A mãe do Participante 2 estava encontrando dificuldades em implementar os procedimentos sugeridos e uma sessão de orientação da mestrandia em conjunto com sua orientadora foi feita na tentativa de esclarecer as dúvidas da mãe e obter maior redução dos comportamentos-alvo.

Alguns comportamentos sociais inadequados das crianças foram observados pela pesquisadora em sala de aula na fase de Linha de Base e também após a conclusão da Intervenção para verificar se haveria generalização dos efeitos da intervenção feita em casa. Esses comportamentos sociais inadequados eram semelhantes aos que sofreram intervenção em casa.

As observações na sala de aula foram feitas no começo e no fim do semestre pela pesquisadora. Os comportamentos-alvo foram registrados em folhas de registro. As observações foram feitas pela própria mestranda e tiveram duração de 30 minutos cada uma, sendo realizadas durante quatro dias consecutivos nas aulas de Português antes do treinamento das mães e durante quatro dias consecutivos ao final do estudo.

Foram observados dois comportamentos-alvo na escola:

1) Levantar da carteira, ato que foi definido como afastar-se da carteira e andar em direção a outros colegas;

2) Desatenção durante as atividades acadêmicas, ato que foi definido como manter os livros ou os cadernos fechados, contrariando a orientação dos professores.

Resultados

A Figura 1 mostra que a intervenção foi efetiva para reduzir a frequência dos comportamentos sociais inadequados em todos os participantes.

Participante 1

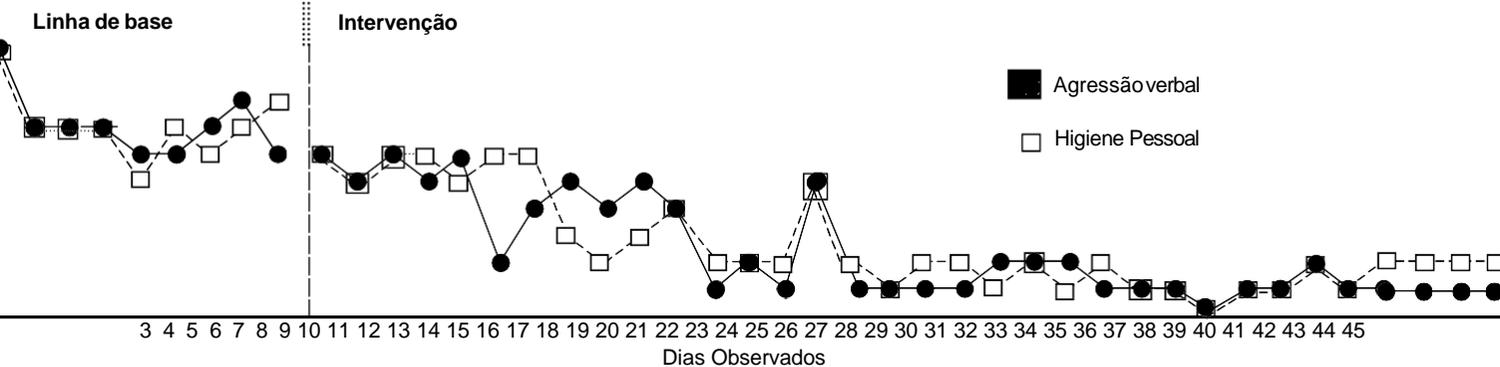
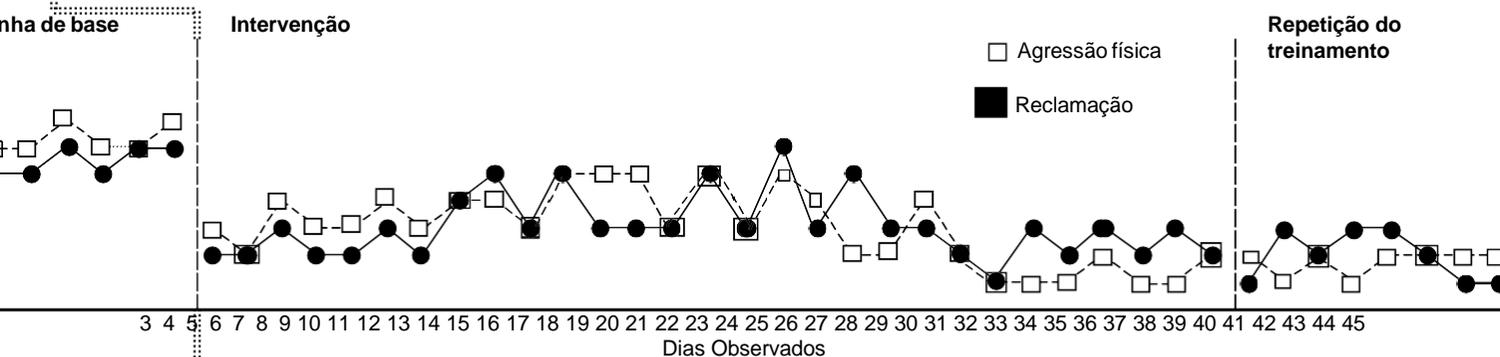
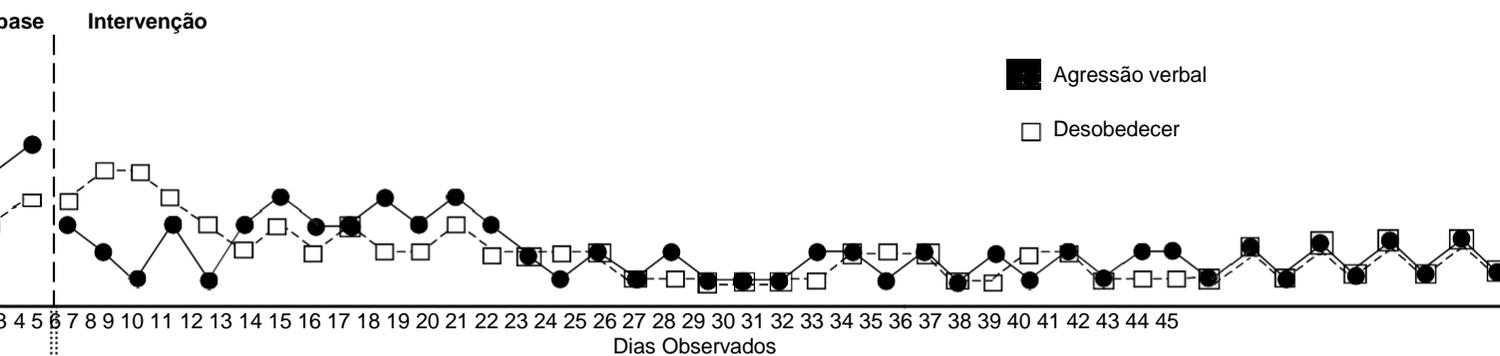
Para o Participante 1, o comportamento de Agressão Verbal ocorreu quatro, quatro, cinco e seis vezes, respectivamente no primeiro, segundo, terceiro e quarto dias da

fase de Linha de Base. Nos quatro dias de Linha de Base do comportamento de Desobediência observou-se uma freqüência de três a quatro ocorrências por dia. Durante a fase de Intervenção, a freqüência de ambos os comportamentos foi gradativamente reduzida em mais da metade. Por exemplo, a freqüência do comportamento de Agressão Verbal variou entre uma e quatro vezes nos primeiros 13 dias de intervenção (sessões 5 a 17) e entre uma e duas vezes após o décimo terceiro dia de intervenção (sessões 18 a 45). A freqüência do comportamento de Desobediência variou entre duas e cinco vezes nos primeiros 13 dias de intervenção (sessões 5 a 17) e entre uma e duas vezes após o décimo terceiro dia de intervenção (sessões 18 a 45).

Participante 2

Para o Participante 2, o comportamento de Reclamação ocorreu entre cinco e seis vezes por dia nos oito dias da fase de Linha de Base. No mesmo período, o comportamento de Agressão Física teve freqüência entre seis e sete ocorrências por dia. Durante as primeiras três semanas da fase de Intervenção (sessões 9 a 29) observou-se uma redução modesta na freqüência de ambos os comportamentos.

Prevalência de Comportamentos Sociais Inadequados Observados em Casa



A mãe do Participante 2 relatou que estava sendo difícil mudar de vez o comportamento do filho porque ele passava parte do tempo com a avó, especialmente nos fins de semana, e a avó estava reforçando comportamentos inadequados do neto, tirando a autoridade da mãe. Com base nessas informações, a pesquisadora, com a ajuda de sua orientadora programaram uma sessão de treinamento da mãe da criança com os fundamentos dos princípios básicos da Análise Aplicada do Comportamento. Na semana antes dessa sessão de treinamento (sessões 30 a 37) as ocorrências dos comportamentos alvo da criança já começaram a diminuir para 1-3 vezes por dia, mas mesmo assim a reunião de treinamento com a mãe foi mantida. Observou-se que as ocorrências dos comportamentos se mantiveram entre 1 e 3 vezes para o comportamento de Reclamar e 1 e 2 vezes para o comportamento de Agressão Física.

Participante 3

Para o Participante 3, durante a Linha de Base, que durou 12 dias, os comportamentos de Agressão Verbal e de Falta de Higiene Pessoal ocorreram de seis a dez vezes por dia. Nos primeiros quatorze dias de Intervenção (sessões 13 a 26), as ocorrências desses comportamentos variaram entre

uma e seis vezes por dia. Nas últimas 19 sessões da fase de intervenção (sessões 27 a 45), as ocorrências de ambos comportamentos foram reduzidas para zero a duas vezes por dia.

O comportamento de Descumprimento de tarefas havia sido selecionado como comportamento-alvo pelas mães de todos os participantes, mas não foi incluído no programa de Intervenção porque durante a fase de Linha de Base foi constatado que a frequência de ocorrência era bastante baixa; além disso, como não era possível fazer contato diário com os professores da escola, era difícil saber quando a criança realmente tinha ou não tinha tarefa de casa.

Generalização

Com a finalidade de verificar a ocorrência de uma possível generalização dos resultados da intervenção feita no ambiente da casa para o ambiente escolar, dois comportamentos sociais inadequados de cada criança, Levantar da Carteira e Desatenção durante as Atividades Acadêmicas, foram observados pela pesquisadora na sala de aula da escola que as crianças freqüentavam.

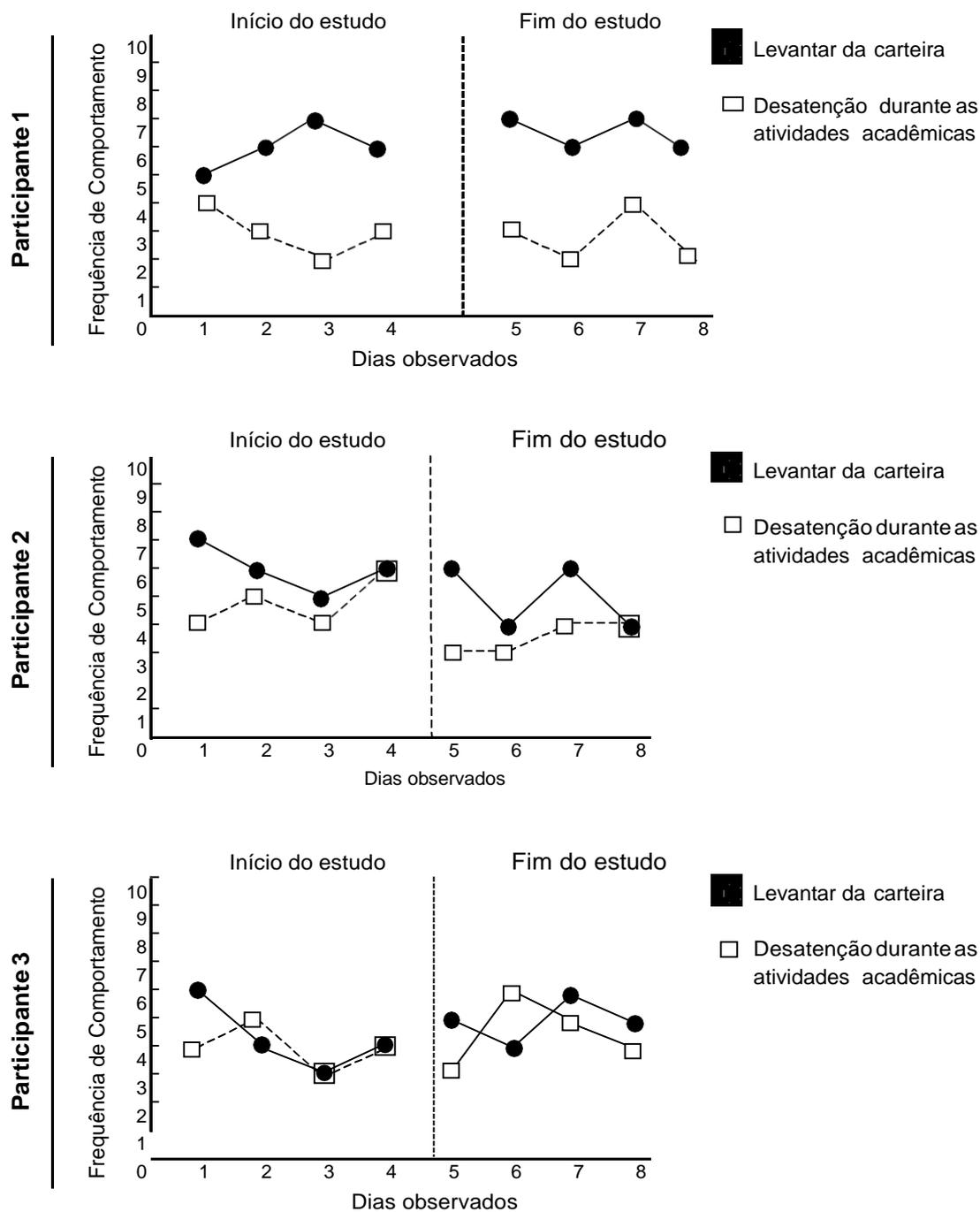
As observações foram feitas por quatro dias durante a fase de Linha de Base (antes do treinamento das mães) e por

quatro dias ao final do estudo. De acordo com os dados obtidos, não houve generalização dos efeitos da intervenção.

Aparentemente, o treinamento de pais e a subsequente redução nos comportamentos sociais inadequados em casa não afetaram a frequência de comportamentos sociais inadequados das crianças na escola. Pode-se observar na Figura 2 que a frequência dos comportamentos sociais inadequados que ocorriam em sala de aula se mantiveram aproximadamente no mesmo nível antes e depois da Intervenção.

Poderia-se argumentar que uma generalização dos resultados não poderia ser esperada pois os comportamentos observados na escola eram diferentes dos comportamentos que sofreram intervenção em casa. Contudo, vários estudos mostram que intervenções em alguns exemplares de uma classe de comportamentos pode levar à generalização de mudanças de outros comportamentos da mesma classe.

Figura 1 - Frequência de Comportamentos Sociais Inadequados Observados em Sala de Aula



Discussão

O uso dos princípios e procedimentos da Análise Aplicada do Comportamento por parte das mães foi bastante eficaz para reduzir os comportamentos sociais inadequados de seus filhos.

No início do estudo podia-se observar que as expectativas das mães eram muito grandes. Elas manifestavam uma clara vontade de aprender a mudar os comportamentos inadequados dos filhos. Esse desejo de mudança e a persistência delas contribuíram para o sucesso desse trabalho.

É interessante observar que antes deste estudo todas as mães relataram que batiam nos filhos como medida de disciplina e para obter cooperação. Elas diziam achar certo bater pois diziam refletir como haviam sido tratadas quando crianças. Geralmente os pais dizem que bater não trás qualquer prejuízo à criança pois eles próprios tiveram aquele tipo de experiência e se consideram ajustados.

Através da orientação dada, as mães que participaram do estudo conseguiram concluir que não era necessário espancar as crianças para obter cooperação. Bastava mudar o próprio comportamento que conseguiriam mudar o

comportamento dos filhos. As mães aprenderam a identificar e reforçar comportamentos adequados dos filhos e a apresentar consequências disciplinares menos agressivas que o espancamento quando eles se comportavam de forma inapropriada.

Aprenderam também que nem todos comportamentos são aprendidos por meio de uma simples instrução e que algumas atividades mais complexas podiam ser modeladas através do reforçamento diferencial de aproximações sucessivas.

Em consequência da mudança nos comportamentos das mães, as crianças incorporaram comportamentos pró-sociais ao seu repertório, tornando o ambiente familiar mais harmônico.

Considerando-se que as mães que participaram do estudo eram provenientes de classe social desprivilegiada e com baixo nível de escolaridade, especial cuidado foi dado à forma de comunicação com elas. Um fator que provavelmente contribuiu para o sucesso da intervenção foi a seleção do material pedagógico utilizado no trabalho. Esse material continha várias ilustrações, as quais facilitaram a compreensão das estratégias a serem adotadas para estabelecer limites e apresentar instruções mais claras. As mães tiveram oportunidade de ver as ilustrações junto com a pesquisadora, fazer comentários e tirar dúvidas. As mães

levaram as gravuras para casa e relataram posteriormente que ter as ilustrações em casa ajudava a lembrar dos procedimentos a serem implementados. A pesquisadora fez contatos regulares com as mães, ressaltando a importância de continuar a implementar os procedimentos adequadamente e incentivando-as a persistir, apesar de outros problemas que tinham em suas vidas.

As mães se mostraram muito gratas por ter uma profissional com quem discutir os problemas que enfrentavam com os filhos no cotidiano e, especialmente, por não ter que pagar as sessões.

Constatou-se que não houve melhora nos comportamentos inadequados observados na escola e que não foram alvo de intervenção naquele ambiente. A ausência de generalização dos efeitos obtidos no ambiente do lar para o ambiente escolar reforça a teoria de que a generalização deve ser cuidadosamente programada e que, geralmente, não ocorre automaticamente, especialmente em ambientes com poucos reforçadores sociais como os freqüentados por essas crianças aqui estudadas.

Para melhorar as chances de que houvesse generalização das habilidades sociais, a intervenção possivelmente deveria ter ocorrido em pelo menos mais um ambiente e em mais exemplares da mesma classe de

comportamentos. A generalização de resultados é muito desejada com esse tipo de comportamento, porque nem sempre é possível intervir simultaneamente no lar e na escola.

Mesmo sem obter generalização dos resultados, o trabalho teve grande validade social, pois, de acordo com os relatos das mães, elas aprenderam a lidar melhor com os filhos, o que gerou um relacionamento familiar mais harmonioso, com mães e filhos mais auto-confiantes e felizes.

Referências

- Ackerman, B. P., Kogos, J., Youngstrom, E., Schoff, K. & Izard, C. (1990). Family instability and the problem behaviors of children from economically disadvantaged families. *Developmental Psychology*, 35, 258-266.
- Alencar, E. M. L. S. (1982). *A criança na família e na sociedade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Andrados, I. (1971). *Orientação infantil*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Angeli, A. (2000) Limites sem dor. *Cláudia*, 12 (39), 272.
- Becker, W. C. (1974). *Os pais são também professores: um programa que ensina a lidar com crianças*. São Paulo: EPU.
- Bencini, R. (2003). Como atrair os pais para a escola. *Nova Escola*, 166 (XVIII), 38-39.
- Carvalho, E. T. (2000). Autoridade dos pais na construção da autonomia dos filhos. *Revista Escola de Pais do Brasil*, XX Seminário, pp. 5-8.

Delvan, J. da S., Ramos, M. C., & Dias, M. B. (2002). A psicologia escolar / educacional na educação infantil: o relato de uma experiência com pais e educadores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 4, (1), 49-60.

DSM-IV. (1995) *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Faber, A., & Mazlish, E. (2003). *Como falar para o seu filho ouvir e como ouvir para seu filho falar*. São Paulo: Summus.

Falcone, E. (2000) A evolução das habilidades sociais e o comportamento empático. In: E. F. de M. Silveiras (Org.), *Estudos de casos em psicologia clínica comportamental infantil*. (Vol. 1, pp. 49-77). Campinas: Papyrus Editora.

Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 15 (11), 35-44.

Fred, F. S. (1972). Adeus Mestre? *Ciência e cultura*, São Paulo - Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência 24(3),

- Gonzaga, L., & Gonzaga, G. (2000). Construindo com seu filho o saber do futuro. *Escola de Pais do Brasil*, setembro, 25-26.
- Hall, R. V. (1973). *Manipulação de comportamento: modificação de comportamento*. Aplicações na escola e no lar. São Paulo: EPU.
- Hawkins, R. F., Peterson, R. F., Schweid, E., & Bijou. S. W. (1966). Behavior therapy in the home: Amelioration of problem parent-child with the parent in a therapeutic role. *Journal of Experimental Child Psychology*, IV, 99-107.
- Inesta, E. R. (1980). *Técnicas de modificação do comportamento: aplicação ao atraso no desenvolvimento*. São Paulo: EPU; Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- La Rosa, J. (2002). Motivação e aprendizagem. In: J. de La Rosa (Org.), *Psicología e educação : o significado do aprender*. (5th ed., pp.169-190). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Lourenço, O. M. (1996). *Educar hoje para o amanhã*. Lisboa: Ponto Editora.
- MacMahon, R. J. (1996). Treinamento de pais. In: V. E. Caballo (Ed.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. (pp. 339-421). Rio de Janeiro: Editora Santos.

- Maldonado, M. T. (1999). *Comunicação entre pais e filhos*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Marinho, M. L. (2000). A intervenção clínica comportamental com famílias. In: E. F. de M. Silveiras (Org.), *Estudos de casos em psicologia clínica comportamental infantil*. (Vol. 1, pp. 139-174). Campinas: Papyrus Editora.
- Marturano, E. M. (2000). Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In: C. A. R. Funayama (Ed.), *Problemas de Aprendizagem: enfoque multidisciplinar*. (pp. 93-113). Campinas: Editora Alínea.
- O'Neill, R. E.; Horner, R. H.; Albin, R. W.; Sprague, J. R.; Storey, K., & Newton, J. S. (1997). *Functional assessment program development for problem behavior. A practical handbook*. (2nd ed.).
- Patterson, G. R. (1986). Performance models for antisocial boys. *American Psychologist* 41 (4), 432-444.
- Patterson, G. R., DeBarysche, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44, 329-335.
- Ramos, M. J. B. (2002). As dificuldades de aprendizagem: leituras e desafios. In: J. de La Rosa (Org.), *Psicología e*

educação: o significado do aprender. (5th ed., pp.213-230). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Regra, J. A. G. (2000). A agressividade infantil. In: E. F. M. Silvaes (Org.), *Estudos de casos em psicologia clínica comportamental infantil.* (Vol. 2, pp. 157-194). Campinas: Papyrus.

Ries, B. E. (2002). Condicionamento operante ou instrumental:

B. F. Skinner. In: J. de La Rosa (Org.), *Psicología e educação: o significado do aprender.* (5th ed., pp.57-70). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Silvaes, E. F. de M. (1995). O modelo triádico no contexto de terapia comportamental com famílias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11, (3), 235-241.

Tavares, A. (2002). Educar bem. *Cláudia*, 10 (41), 338.

Woolfolk, A. E. (2000). *Psicologia da educação.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Zagury, T. (2001). *Limites sem trauma.* (12th ed.). Rio de Janeiro: Editora Record.

Zanella, L. (2002). Aprendizagem: uma introdução. In: J. de La Rosa (Org.), *Psicología e educação : o significado do aprender.* (5th ed., pp.23-28). Porto Alegre: EDIPUCRS.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário de anamnese aplicado às mães

II. QUEIXA ESPECÍFICA

a) Comportamento que os pais gostariam de:

- Aumentar de frequência _____

- Diminuir de frequência _____

b) Bons comportamentos que a criança já possui em seu repertório: _____

c) Atitudes dos pais frente ao bom comportamento: _____

d) De que a criança gosta? (Identificar possíveis reforçadores sociais, tangíveis/manipuláveis; comestíveis e atividades) _____

III. ANTECEDENTES PESSOAIS

a) Possui quantos irmãos? _____

b) Posição da criança na ordem de nascimento _____

c) Condição de nascimento da criança: _____

Idade dos pais quando a criança nasceu: _____

Como a mãe se sentiu durante a gravidez: _____

A mãe fez tratamento Pré – Natal? _____

Doenças durante a gestação ou algum tombo: _____

Local de nascimento (em casa ou na maternidade): _____

Desenvolvimento do parto (natural, fórceps, cesariano): _____

Parto Prematuro: Sim Não

A criança precisou ficar na U.T.I: Sim Não

IV. AMBIENTE FAMILIAR

a) Relação entre os pais: _____

b) Relação entre a mãe e a criança: _____

- c) Relação entre o pai e a criança: _____
- d) Relação entre os irmãos e a criança: _____
- e) Relação entre os avós maternos e a criança: _____
- f) Relação entre os avós paternos e a criança: _____
- g) A criança faz amigos facilmente: _____
- h) Quem os escolhe? _____
- i) Relação com os amigos: _____
- k) Quem são os amigos? _____
- l) Gosta de fazer visitas? _____

V. DESENVOLVIMENTO GERAL

a) Sono: _____

b) Alimentação: _____

c) Desenvolvimento psicomotor:

Sorriu: _____

Engatinhou: _____

Ficou de pé: _____

Andou (caiu muito): _____

Controle de esfíncteres: _____

Falou as primeiras palavras (trocou letras): _____

Falou corretamente: _____

Gaguejou: _____

Comportamentos Atípicos: _____

Destro ou Sinistro: _____

d) Manipulações:

Usou chupeta? _____

Chupou dedo? _____

Roeu ou rói unhas? _____

Puxa as orelhas? _____

Arranca os cabelos? _____

Morde os lábios? _____

Tiques? _____

Comportamentos repetitivos: _____

Qual a atitude tomada pelos pais diante destes hábitos: _____

e) Doenças

Tipos e idade: _____

Atitude da família: _____

Teve febre freqüente? Quantos graus? _____

Convulsões? _____

Desmaios? _____

Sofreu alguma queda com fratura? _____

Passou por alguma cirurgia? (idade): _____

Vacinas: _____

Informações relevantes sobre a criança logo após o nascimento e na primeira infância (doenças, eventos inesperados, acidentes, etc.): _____

Comprometimento de saúde passados: _____

Comprometimento de saúde atuais: _____

e) Na Escola

Como é o seu comportamento na creche ou na escola? _____

Como é o seu comportamento com os amigos? _____

Como é o seu comportamento com a professora ou supervisora? _____

Gosta da professora? _____

Como a professora a trata durante as aulas? _____

Gosta de estudar? _____

Os pais estudam com a criança? _____

Passou pelo jardim de infância? _____

Mudou muito de escola? _____

f) Sexualidade

Curiosidade: _____

Atitudes dos pais: _____

Apêndice B**Questionário aplicado às crianças**

QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS CRIANÇAS

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____ Data de Nascimento: _____/_____/_____

Endereço: _____

2. Descreva em detalhes a rotina diária da criança (desde eu acorda até se deitar)

3. Qual a parte do dia que você mais gosta? _____

4. O que você mais gosta de:

a) Brincar: _____

b) Comer: _____

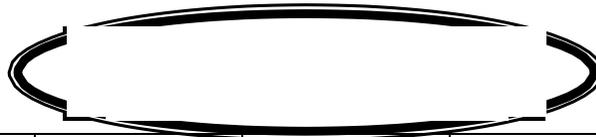
c) Fazer: _____

5. Fale de sua família. Com quem você mora? Como se dá com cada um?

Apêndice C**Folha de registro de dados**

Participante 1

Dias da Semana	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo
Comportamentos	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /
Agressão Verbal: Xinga, fala palavrão							
Seguir instruções: (fez a tarefa após 1 ou 2 lembretes)							
Mais de 2 lembretes							
Não fez a tarefa							
Desobedecer							



Dias da Semana	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo
Comportamentos	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /
Agressão Física: Chuta, bate							
Seguir instruções: (fez a tarefa após 1 ou 2 lembretes)							
Mais de 2 lembretes							
Não fez a tarefa							
Reclama muito: Tudo que fala e pede							



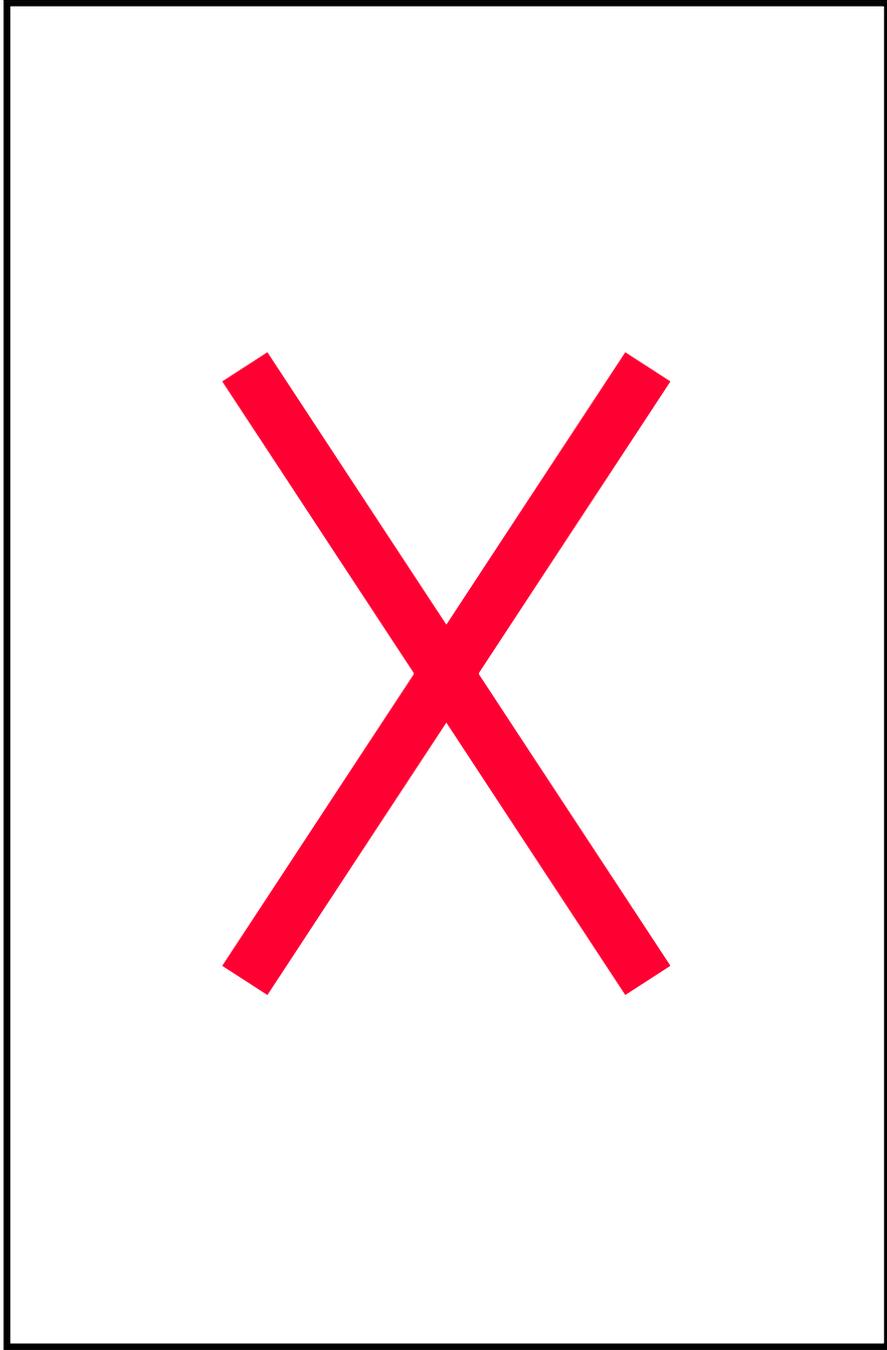
Dias da Semana	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo
Comportamentos	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /	/ /
Agressão Verbal: Xinga, fala palavrão							
Seguir instruções: (fez a tarefa após 1 ou 2 lembretes)							
Mais de 2 lembretes							
Não fez a tarefa							
Preguiçoso: Tomar banho, escovar os dentes							

Professora: _____ **Dia:** _____/_____/_____
3ª série **Tempo de observação: Início** _____ **Fim** _____

Comportamentos Alunos	Levantar da carteira			Desatenção durante as atividades acadêmicas		
Participante 1						
Participante 2						
Participante 3						

Apêndice D

Material didático utilizado no treinamento das mães

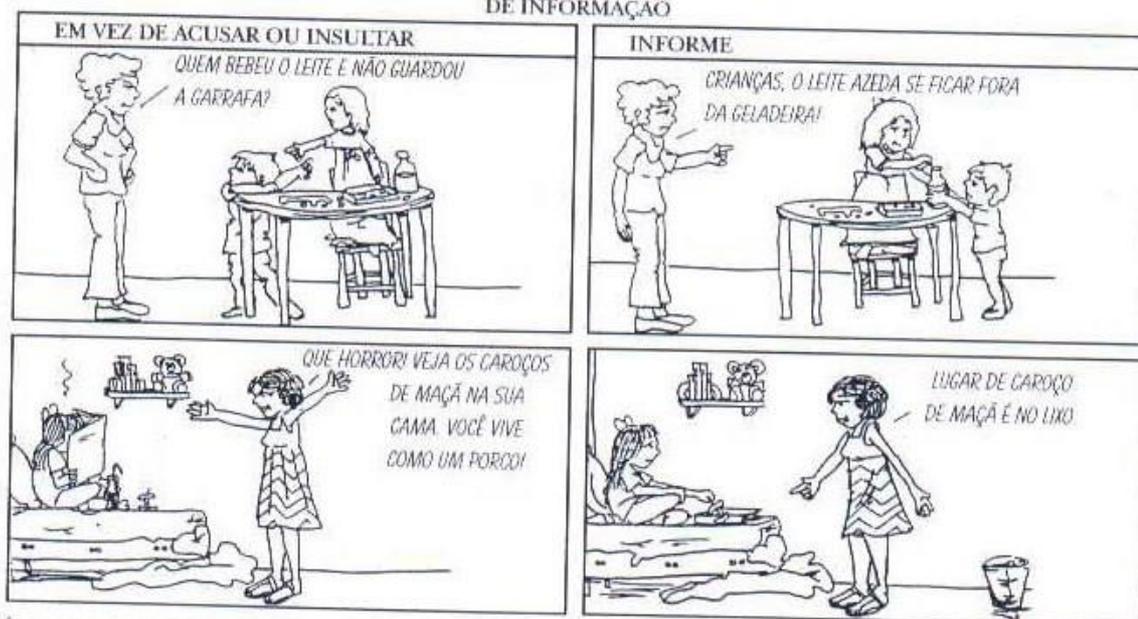


DESCREVA (continuação)



Quando os adultos descrevem o problema, as crianças têm a oportunidade de dizer a si mesmas o que fazer.

DÊ INFORMAÇÃO



É muito mais fácil aceitar informação do que acusação.

Apêndice E

**Tabela de frequência dos comportamentos sociais
inadequados observados em casa**

Figura 2 - Tabela de Frequência dos Comportamentos Sociais Inadequados Observados em Casa

Participante 1	Cpts. / Dias Obs.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45
	Agressão Verbal	4	4	5	6	3	2	1	3	1	3	4	4	4	4	3	4	3	2	1	2	1	2	1	1	1	2	2	1	2	1	2	1	2	1	2	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1
	Desobedecer	3	4	3	4	4	5	5	4	3	2	3	2	3	2	2	3	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1	2	2	2	1	2	1	2	1	1	1	1	1	2	1	2	1	2	1	2

Participante 2	Cpts. / Dias Obs.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45
	Reclamar	5	6	5	5	6	5	6	5	2	2	3	2	2	3	2	4	5	3	5	3	3	3	5	3	6	3	5	3	3	2	1	3	2	3	2	3	2	1	3	2	3	3	2	1	1
	Agressão Física	7	6	6	6	7	6	6	7	3	2	4	3	3	4	3	4	3	3	5	3	3	3	5	3	5	6	2	2	4	2	1	1	1	2	1	1	2	2	1	2	1	2	2	2	2

Participante 3	Cpts. / Dias Obs.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45
	Agressão Verbal	8	6	10	7	7	7	6	6	7	8	6	6	5	6	5	6	2	3	5	4	5	4	1	2	1	5	1	1	1	1	2	2	2	1	1	1	0	1	1	2	1	1	1	1	1
	Higiene Pessoal	10	6	10	7	7	7	5	7	6	7	8	6	5	6	6	5	6	6	3	2	3	4	2	2	2	5	2	1	2	2	1	2	1	2	1	1	0	1	1	2	1	2	2	2	2

